

**De Marx e Engels a Trotsky: as origens da revolução permanente** Alain Brossat (BROSSAT, Alain. *El pensamiento político del joven Trotsky* in: Los Orígenes de la Revolución Permanente. Ed. Siglo XXI, Capítulo I, México, 1977.)

### O discurso político inacabado de Marx e Engels

No longo debate que opôs os partidários da teoria da revolução permanente aos da teoria da revolução por etapas, mencheviques ou stalinistas, os primeiros empenharam-se em mostrar as raízes de seus pontos de vista nos escritos e posições dos próprios Marx e Engels. Puderam fazê-lo, claro, sem ter de deformar a realidade nem os textos, evocando, por exemplo, a *Mensagem do Comitê Central à Liga dos Comunistas*, de março de 1850, que mostra a necessidade da revolução permanente, ou também *Revolução e Contrarrevolução na Alemanha*. Na medida em que estas referências às concepções e ao método de Marx e Engels tendem a apoiar a ideia de que a teoria Trotskista da revolução permanente, na forma e no fundo, tem uma base legítima no materialismo dialético e no materialismo histórico, se tornam totalmente fundamentais. Mas, o que nos parece mais duvidoso e um tanto simplista é a ideia de que a revolução permanente, tal como Trotsky a formula, procede diretamente do discurso político de Marx e Engels e não passa do desenvolvimento de uma posição já amplamente esboçada por eles. Esta posição que, por exemplo, nos parece implicitamente contida no livro de Michel Löwy *A Teoria da Revolução no Jovem Marx*,<sup>1</sup> encontra seu fundamento no correto projeto de refutar as fábulas mecanicistas e reacionárias do ponto de vista stalino-menchevique. No entanto, achamos que subestima o corte histórico que existe entre o horizonte político de Marx e Engels e o de Trotsky; que deriva de uma percepção um tanto “enaltecedora” da teoria política dos primeiros e que, por conseguinte, desvaloriza a contribuição pessoal de Trotsky ao marxismo.

A nosso ver, existe uma diferença qualitativa bastante considerável entre o espaço político em que se encontram Marx e Engels, que vai desde o começo da revolução de 1948 até o final do século 19, e o de Lenin e Trotsky. Como diz este último em *Balanço e Perspectivas* [1906], “o século 19 não transcorreu em vão”. Globalmente, a época vivida por Marx e Engels distingue-se pela coexistência do prosseguimento da revolução burguesa, já colocada num beco sem saída, e da abertura do campo da revolução proletária. Tal como escrevia Marx em *As lutas de classes na França*, “o proletariado, ao impor a República ao governo provisório e a toda a França, apareceu, imediatamente, em primeiro plano, como partido independente, mas, ao mesmo tempo, lançou um desafio a toda França burguesa. O que o proletariado conquistava era o terreno para lutar por sua emancipação revolucionária e não, muito pelo contrário, a emancipação propriamente dita”. Esse período ambíguo explica, por sua vez, as intuições de Marx e Engels no que se refere ao esquema da revolução proletária e também os limites de suas concepções. Um dos fundamentos dos esboços de Marx e Engels se baseia no atraso da burguesia alemã em relação às demais burguesias europeias, a francesa e a inglesa em particular: “A desgraça da burguesia alemã consiste em que, seguindo a mania favorita alemã, chegou tarde demais. Seu florescimento coincidiu com o período em que a burguesia dos outros países da Europa Ocidental se encontra politicamente em declínio”, escreve Engels em

**Comentado [ng1]:** Brossat trabalha com uma interpretação de Marx sobre a relação entre economia e política equivocada, como se Marx fizesse uma relação de causalidade do econômico sobre a superestrutura e Trotsky superou, segundo Brossat, essa suposta limitação de Marx. Essa interpretação excessivamente abstrata vai traçar um panorama para o tempo de Lenin e Trotsky como de revolução proletária “limpa”, sem conexão com revolução burguesa inconcussa.

1. Especialmente quando Löwy afirma que a ideia da revolução permanente é “rígida e concreta” em Marx em 1850, ou seja, na “Mensagem da Direção Central à Liga dos Comunistas”, em nosso entender, Löwy (com uma ótica por outro lado coerente, já que seu livro sobre Marx é um dos poucos que se esforça para refletir sobre o desenvolvimento do seu pensamento de acordo com o marxismo revolucionário) “luxemburguista” um pouco Marx ao não perceber as ambiguidades que pode conter o conceito de autoatividade das massas segundo o contexto no qual é utilizado.

*A Guerra Camponesa na Alemanha.*<sup>2</sup> Mas, a partir dos anos 1860, um desenvolvimento considerável das forças produtivas e, por conseguinte, da burguesia alemã, atenuava os elementos propícios ao permanentismo constituídos pelas distorções existentes no desenvolvimento econômico e social dos diferentes países europeus; elementos que deveriam ressurgir na Rússia a princípios do século 20 em condições “estruturais” bastante próximas às da Alemanha de 1848. No entanto, a diferença essencial entre estes dois períodos consiste em que a atualidade mundial da revolução proletária deveria impedir que a burguesia se constituísse numa classe politicamente forte sobre a base de um desenvolvimento tardio, porém rápido e impressionante das forças produtivas, e criar um proletariado que, ao contrário da classe operária alemã de 1848, fosse capaz de adiantar-se à burguesia no cumprimento de suas tarefas históricas.

O horizonte político de Lenin e Trotsky encontra-se, portanto, imediatamente determinado pela perspectiva da atualidade da revolução proletária, como indica Lukács em seu *Lenin*. Na medida em que eles tinham de responder a todos os problemas estratégicos e táticos, teóricos e práticos, políticos e organizativos colocados pela perspectiva imediata da revolução, Marx e Engels só se enfrentavam a suas premissas, conformadas pela sucessão de ofensivas e derrotas do proletariado europeu. Evoluíam num contexto no qual, tanto desde o ponto de vista objetivo (desenvolvimento das forças produtivas e das relações de classe) quanto subjetivo (grau de constituição da teoria da revolução e de sua implantação na consciência das massas), não permitia, fundamentalmente, uma tomada do poder duradoura pelo proletariado em um ou vários países. O tema de reflexão que se oferecia a Marx e Engels era, por um lado, a necessidade teórica da revolução proletária; por outro, seus primeiros avanços incertos na segunda metade do século 19, experiências todas elas fragmentárias e descontínuas. Uma situação política ambígua, num campo político também ambíguo, determina a natureza do discurso político de Marx e Engels. Por isso, está constituído de estratos e é heterogêneo em distintos aspectos. Ao contrário, a teoria política de Trotsky, que integra de maneira orgânica os elementos da análise econômica e social marxista, é totalmente um discurso da revolução, sem descontinuidades, portanto um discurso marxista completo que supera a dedução mecanicista dos elementos políticos a partir da situação econômica (considere-se, por exemplo, para convencer-se disto, *Balanço e Perspectivas* desde um ponto de vista “arquitetônico”). “A revolução proletária não se constitui num resultado, pensado teoricamente, do discurso econômico. Não existe discurso econômico, no sentido estrito, em Trotsky. Só encontramos quadros econômicos percebidos através da lei do desenvolvimento desigual que, ainda que se manifeste com maior clareza no nível econômico, é transplantada imediatamente ao plano político e transformada, sem solução de continuidade, numa perspectiva revolucionária. Não existe no pensamento de Trotsky separação entre a instância econômica e a instância política, porque o sistema capitalista, em sua totalidade, entrou numa fase de declínio, na fase em que o desenvolvimento internacional das forças produtivas exige uma reorganização do modo de produção e sua preparação consciente”.<sup>3</sup>

Na época em que Lenin e Trotsky começam a atuar em política, o marxismo, como teoria do conhecimento e teoria da revolução é o resultado, ainda que muito relativo, do “saber” e do campo político. Podem situar-se imediatamente no domínio da teoria política, partindo de uma experiência geral. Ao contrário, no momento em que Marx e Engels lançaram-se à luta política, o político enquanto campo da atividade humana no sentido em que é entendido pelos marxistas – como expressão suprema e “racionalizada” dos conflitos sociais – não estava sequer delimitado. A ambiguidade de sua posição como teóricos e práticos da

2. COSTES, p. 171. *La guerra campesina en Alemania* in *Obras Escogidas*. Tomo I, Ed. Progreso, Moscou, p. 622).

3. AVENAS, Denis. *Trotsky marxista*. Série *Marx ou Crève*, Maspero, Paris, 1970.

revolução reside no fato de que tiveram de elaborar integralmente uma teoria da revolução, ao mesmo tempo em que deviam atuar e pronunciar-se como divulgadores e dirigentes da luta do proletariado. Daí resulta que estejam superpostos dois níveis relativamente desiguais em suas concepções políticas: por um lado, o discurso “teórico”, que os leva a prever que a Inglaterra conheceria os prelúdios da revolução por causa do desenvolvimento de suas forças produtivas<sup>4</sup>; por outro, um discurso “político prático” que se nutre da reflexão sobre o desenvolvimento concreto da luta de classes, mais próximo, portanto, da realidade, e que faz Marx esperar, na *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, “o canto do galo francês”. Estes últimos tipos de produções compreendem desde uma reflexão extremamente ligada aos fatos e “racional”, em que se utiliza de maneira muito fina e rigorosa as categorias elaboradas, até intuições, previsões e hipóteses sobre o curso da futura revolução, ou seja, por exemplo, desde *As Lutas de classes na França* até as *Cartas a Vera Zasulich*.

A nosso ver, essas desigualdades na teoria política de Marx e Engels estão totalmente determinadas por sua posição no campo histórico transitório do “já não mais” da revolução burguesa e do “ainda não” da revolução proletária. O salto qualitativo operado por Trotsky na matéria consiste na abolição radical da separação relativa que existe, inclusive em Lenin e, mais ainda em Plekhanov, entre o discurso político e o discurso teórico-prático da revolução, à custa de uma mutação da própria teoria: a supressão definitiva da concepção mecanicista e fatalista da relação entre o político e o econômico. Transtornando as concepções marxistas “preguiçosas” – mecanicistas, darwinianas, diria Labriola – cujo porta-voz mais destacado na época era Plekhanov (segundo o qual a Rússia de princípios do século 20, devido ao nível de suas forças produtivas, não poderia se propor mais do que os problemas que estava em condições de resolver, ou seja, os da revolução burguesa), Trotsky mostrou como, pelo contrário, a revolução proletária era possível na Rússia, desde que se situasse do ponto de vista da totalidade do sistema burguês mundial. Desta forma, colocava em destaque como na época em que a revolução burguesa havia realizado globalmente suas finalidades históricas, e o sistema burguês, tal como está estruturado politicamente à escala internacional constitui-se numa trava para o crescimento das forças produtivas – instaura-se uma relativa autonomia do campo político no nível do planeta, que invalida para sempre a forma marxista vulgar de raciocinar mecanicamente sobre o curso da revolução em termos de totalidades isoladas, no marco dos estados nacionais, pela simples aplicação de um modelo histórico universal supostamente infalível.

**A teoria da revolução permanente unicamente pode desenvolver-se no terreno da atualidade da revolução proletária mundial** (no plano das premissas objetivas). O esquema que proporciona é, por seu próprio caráter, válido para a revolução mundial e não constitui o modo de inteligibilidade de uma revolução nacional paradoxal ou heterodoxa como foi a revolução russa em comparação com o esquema clássico ou, pelo menos, não essencialmente. Certamente, a noção de desenvolvimento desigual e combinado que lhe serve de base não se encontra totalmente desenvolvida por Trotsky a partir de 1904-1905, mas o que permite a análise concreta mais exata e o conhecimento mais “aproximado” do perfil da futura revolução, aquele que oferece Trotsky em *Balanço e Perspectivas*, não é tanto a análise minuciosa das condições particulares da realidade russa quanto o ponto de vista da totalidade do modo de produção capitalista mundial e do campo político burguês. Só assim, no marco geral das desigualdades do todo capitalista,

---

4. Veja-se, por exemplo, o *Catecismo Comunista*, a *Carta a Kugelmann* de 28 de março de 1870, ou *O Capital*, enquanto modelos teóricos elaborados a partir do capitalismo inglês, o mais “puro” naquele momento, portanto a antessala mais acabada do socialismo. Esta ambiguidade não provém, ao nosso ver, de uma oposição do jovem Marx de 1834 e o Marx “científico” dos anos 1870-80. Em 1870, Marx mostra-se tão sensível quanto em 1843 ao “canto do galo francês”, suscetível de despertar a revolução europeia.

Trotsky foi capaz de compreender o particular do paradoxo russo<sup>5</sup>. O acesso à atualidade da revolução proletária mundial fica demonstrado pelo corte na época que representa 1905 na Rússia, o qual evidencia por sua vez a desaparecimento definitiva da burguesia enquanto classe progressista e a emergência, nas piores condições do subdesenvolvimento econômico e do atraso social, do proletariado, único capaz de enfrentar, de forma consequente e determinada, a antiga ordem, produzindo um tipo de revolução absolutamente nova, que faz sua própria marca: greve geral e soviets.

Precisamente porque não chegam a este corte, Marx e Engels só podem refletir sobre as *premissas da revolução permanente*. A intuição que manifestam em numerosas ocasiões não se deriva diretamente de seu discurso teórico, que ensina, antes de tudo, que “a tal amo, tal criado”, e que as tendências econômicas determinam “com uma necessidade férrea” as formas superestruturais, especialmente as políticas, de uma formação social qualquer, e que é impossível adiantar politicamente o curso urgente do desenvolvimento econômico tal como se exerce à escala nacional etc.; em resumo, que fundamenta, de forma geral, a ideia de que as revoluções isoladas devem conformar-se a uma ordem de sucessão imposta pelo nível de desenvolvimento nacional das forças produtivas. “[A revolução comunista] (...) se desenvolverá em cada um desses países (América, França, Alemanha) mais rápida ou lentamente de acordo com o fato de que um ou outro desses países possua uma indústria mais desenvolvida, uma maior riqueza natural e uma massa mais considerável de forças produtivas. Por isso, será mais lenta e mais difícil na Alemanha, mais rápida e mais fácil na Inglaterra”.<sup>6</sup> Por isso, a intuição da revolução permanente é exposta em Marx e Engels de certa forma contra estes esquemas abstratos. O que se manifesta no curso da história da segunda metade do século 19, na qual intervêm ativamente, não é que as revoluções se conformem à ordem concebida teoricamente, mas que a revolução proletária se deriva do beco sem saída histórico em que se encontra a revolução burguesa.<sup>7</sup> Em outros termos, Marx e Engels vislumbraram que é necessário pensar na possibilidade comprovada da revolução proletária, ainda quando as condições de sua viabilidade econômica não se cumpram. “A classe média não se atreve sequer, desde seu ponto de vista, a conceber o pensamento da emancipação e já o desenvolvimento das condições sociais, da mesma forma que o progresso da teoria política, se encarrega de revelar este mesmo ponto de vista como algo antiquado ou, pelo menos, problemático”, escrevia Marx em Crítica da Filosofia do Direito de Hegel.<sup>8</sup> Mas, ao mesmo tempo, a revolução proletária, que se toma possível pelo fracasso histórico da burguesia, não pode ainda vencer completamente: “Mas a história nos deu também a nós mesmos um desmentido e àqueles que pensavam de um modo parecido”, observa Engels em seu prefácio ao livro *As Lutas de Classes na França, de 1895*.<sup>9</sup> “Colocou em evidência que, naquele momento, o estado do desenvolvimento econômico no continente estava muito distante de estar maduro para poder eliminar a produção capitalista; isto foi demonstrado por meio da revolução econômica que, desde 1848, tomou conta de todo o continente”.

**Comentado [ng2]:** Interpretação equivocada de Marx. A base material da sociedade para o desenvolvimento da política perde peso nesta interpretação de Brossat.

**Comentado [ng3]:** É correta interpretação que Marx não elaborou a teoria da revolução permanente de forma acabada, porém equivocada esta visão de Brossat que eles não viviam época de revoluções proletárias. Eles viveram a Comuna, como antecipação geral da revolução proletária.

<sup>5</sup> É preciso assinalar a reversibilidade da trajetória de Trotsky: resulta-lhe possível passar do particular das condições russas ao mais geral das condições burguesas mundiais e vice-versa. Este aspecto dialético de sua posição encontra-se, igualmente, no caráter tanto vertical – transcrescimento da revolução burguesa em revolução proletária ou, mais exatamente, dedução da necessidade da segunda em função da impossibilidade da primeira – e horizontal dimensão obrigatoriamente internacional da revolução russa de sua teoria.

<sup>6</sup> ENGELS, F. *Le Catecismo comunista*. Maspero, Dossier “Partisans”, p. 18.

<sup>7</sup> É preciso ver corretamente a natureza destes esquemas: não se trata tanto de previsões políticas, como de ilustrações pedagógicas indispensáveis para implantar as noções básicas do materialismo histórico, e isto frente às fabulas revolucionaristas do tipo Weitling, Bakunin etc., ou seja, esquemas abstratos no correto sentido da palavra, construções teóricas necessárias para a produção de um novo “sistema da revolução”.

<sup>8</sup> Invariance, número especial, novembro de 1968, p. 38, Ed. em espanhol (*La Sagrada familia y otros escritos*, Grijalbo, México, 1962, p. 13).

<sup>9</sup> Pauvert, 1965, p. 34.

Desde o momento em que se aborda esta contradição – e Marx e Engels a converteram em evidente – já não se pode tratar o político como o simples “reflexo” da causalidade econômica. Ainda que o fracasso das revoluções de 1848 na Europa deva-se, em última instância, à possibilidade para as forças produtivas de continuarem crescendo ainda no marco do modo de produção capitalista, como constata amargamente Engels em 1895, é preciso examinar a esfera política em seu caráter específico, analisando, antes de tudo, o fenômeno histórico do beco sem saída da revolução burguesa. Marx e Engels puderam constatar, em 1848 que, em toda a Europa, a burguesia e a pequena-burguesia, apesar de suas fanfarronadas de tom jacobino, já não tinham nada em comum com os revolucionários radicais de 1792 e haviam renunciado aos mitos da revolução universal para tentar, prudentemente, reforçar seu domínio de classe em detrimento das sequelas feudais; prudentemente porque, como diz Engels, “atrás da burguesia está o proletariado”, e corre o risco, a cada instante, de desencadear, em sua luta contra o estado social anterior, uma dinâmica que ameace as bases de seu próprio poder. Por isso, a burguesia prefere sempre transigir, inclinar-se ante o absolutismo, a expor-se a cavar sua própria tumba. O proletariado deve tomar consciência de que a burguesia já não assinala como seus principais inimigos a nobreza e o absolutismo, mas sim a própria classe operária, que ameaça radicalmente seu poder, enquanto os dois primeiros não fazem mais do que dificultar provisoriamente seu domínio.

**Comentado [ng4]:** Esta não é a visão de Marx e sim dos mencheviques.

Desde 1848, e inclusive antes, para Marx e Engels depreende-se que as revoluções burguesa e proletária são, de agora em diante dois processos absolutamente diferentes, cuja lógica, objetivos e meios são totalmente diferentes. Aditem a dissolução definitiva do terceiro estado como entidade histórica e política e tiram as conclusões que se impõem: toda sua obra política está impregnada pela ideia central da necessidade da independência política e organizativa da classe operária com relação à burguesia e à pequena-burguesia. A consequência prática da desapareição relativa do antagonismo entre a burguesia e o feudalismo em favor da contradição entre a burguesia e o proletariado é a desconfiança permanente e profunda deste último em relação aos seus aliados provisórios, seu pessimismo quanto à sua valentia política, e não a “paciência” sem imaginação dos mencheviques ou dos stalinistas, preocupados, antes de tudo, no transcurso da revolução, em não decepcionar a burguesia. “Desde o primeiro momento da vitória é preciso direcionar a desconfiança não mais contra o partido reacionário derrotado, mas contra os antigos aliados, contra o partido que queira explorar a vitória comum em seu exclusivo benefício”<sup>10</sup> e “o papel de traidores que os liberais burgueses alemães desempenharam em relação ao povo em 1848, o desempenharão os pequeno-burgueses democráticos na próxima revolução”.<sup>11</sup> Esta ideia se combina com o tema do “transcrescimento” da revolução burguesa em revolução proletária que Marx e Engels apenas evocam, mostrando que o proletariado, inclusive na realização da primeira, começa a minar as bases do futuro poder de seu aliado e se esforça por estabelecer uma correlação de forças o mais favorável possível no combate comum contra o absolutismo para estabelecer posições de desequilíbrio no futuro Estado burguês e impugná-lo desde sua instauração. “A atitude do partido operário revolucionário frente à democracia pequeno-burguesa é a seguinte: marcha junto com ela na luta pela derrubada daquela fração a cuja derrota aspira o partido operário; marcha contra ela em todos os casos nos quais a democracia pequeno-burguesa quer consolidar sua posição em proveito próprio” ou, também, “não está nas mãos dos trabalhadores impedir que a pequena-burguesia democrática proceda deste modo (ou seja, de maneira

<sup>10</sup> Adresse à la Ligue des Communistes en Allemagne, Costes, p. 242 (Ed. em espanhol: *Mensaje al Comité Central de la Liga de los Comunistas in Obras Escogidas*, Tomo I, Ed. Progreso, Moscou, 1955, pp. 98-99.).

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 234 (Ed. em espanhol, p. 94.).

covarde e vacilante), mas sim está em seu poder dificultar aos democratas burgueses a possibilidade de imporem-se ao proletariado em armas e ditar-lhes condições sob as quais sua dominação contenha, desde o princípio, os germes de sua queda, facilitando, assim, consideravelmente, sua posterior substituição pelo poder do proletariado”.<sup>12</sup>

O que mostra a *Mensagem* é que o acesso da burguesia ao poder político, como “etapa”, não introduz um período de luta de classes latente mas, ao contrário, a acelera, e nisso reside o fato de que o processo revolucionário seja permanente para Marx e Engels. O que veem claramente é a dificuldade que encontra a burguesia, metida num beco sem saída histórico, para estabilizar seu domínio no plano político e institucional: atrás dela encontra-se a classe operária, cuja sombra já se projeta sobre o proscênio. **Por isso, a revolução aparece como um processo dialético ininterrupto, que não se deixa dividir em fases (feudal, burguesa, proletária...).** A revolução burguesa se combina com a revolução proletária na medida em que o proletariado deve agora assumir pouco ou muito as tarefas da burguesia, ao mesmo tempo em que esboçam as tarefas socialistas. Neste sentido, as revoluções alemã e austríaca foram revoluções heterogêneas.

É certo, portanto, que Marx e Engels, nos períodos de crise revolucionária, perceberam claramente o esquema do transcrescimento da revolução burguesa inacabada em revolução proletária, ou seja, a recuperação pelo proletariado da tocha do radicalismo revolucionário das mãos “debilitadas” da burguesia. Mas este esquema e as perspectivas práticas que se derivam dele – necessidade absoluta da independência política e organizativa da classe operária, palavras de ordem específicas, candidatos separados para as eleições, armamento autônomo etc. – definem-se em função da necessidade histórica, em relação com um prazo indefinido ou indefinível, mas não com respeito à atualidade desta superação. **Ainda que definam com exatidão o perfil do transcrescimento da revolução burguesa em revolução proletária a escala do período histórico<sup>13</sup>, Marx e Engels estão metidos no atoleiro da revolução burguesa que acaba e neste sentido, suas concepções permanentistas constituem-se essencialmente num exemplo da arte da antecipação.** Por outro lado, é o que ensina a evolução de sua atitude em 1848. No princípio da revolução, como redatores da Nova Gazeta Renana, aconselham ao proletariado alemão a ser prudente e a evitar tudo o que pudesse romper a “frente única” com a burguesia que, naquele momento, ao contrário da francesa, é ainda capaz, segundo eles, de desempenhar um papel revolucionário. *“O proletariado forma uma frente única com a burguesia enquanto a burguesia desempenhe um papel revolucionário. Ali onde a burguesia já esteja no poder, a luta deve desencadear-se contra ela. Na Alemanha, esta luta não pode nem deve começar. A situação é muito diferente na França e na Inglaterra”* e *“na mesma medida em que Marx evitava tudo que pudesse debilitar a união das forças democráticas na Alemanha e era favorável decididamente à insurreição dos operários parisienses no curso das jornadas de junho, expressava com uma dureza extrema, sem nenhuma concessão a certas ilusões acariciadas com prazer, a ideia de que a revolução (...) deve ser,*

**Comentado [ng5]:** Ainda que Marx não deixou uma teoria da revolução proletária acabada, já deixou pistas em todos os aspectos para o desenvolvimento ulterior da teoria da revolução permanente, inclusive nas pistas que deixa sobre a revolução na Irlanda e na Inglaterra e a possibilidade do centro de gravidade ir para os países coloniais.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 24 (Ed. em espanhol, p. 95-98.).

<sup>13</sup> *“Ao tomar as armas, a classe operária alemã sabia perfeitamente que, quanto às consequências diretas a esperar, não defendia sua própria causa; mas seguia, com isso, a única política justa: não permitir à classe que havia subido sobre seus ombros (como a burguesia havia feito em 48) fortalecer seu governo de classe, sem deixar, pelo menos, à classe operária um campo livre para poder defender seus próprios interesses”* (Revolution et Contre-Revolution en Allemagne, Costes, 1963, p. 163.).

em primeiro lugar, uma revolução burguesa e nenhuma outra, que se trata de liberar as formas burguesas de propriedade, e isto quaisquer que fossem seus agentes”.<sup>14</sup>

No entanto, durante a tormenta, esta confiança se deteriora, e Marx e Engels veem desmoronar-se frente aos seus olhos as perspectivas de uma revolução burguesa “clássica” na Alemanha e na Áustria. Mas esta passividade da burguesia não impedia que Marx pensasse que “a pequena-burguesia se tornaria, em primeiro lugar, na classe dominante e, depois, o proletariado a seguiria no poder”.<sup>15</sup> Esta ideia, naturalmente, não evidencia os limites da audácia teórica de Marx, mas sim a extensão do período objetivo de apodrecimento da revolução burguesa. Por isso, é inevitável que na concepção da revolução de Marx a ideia de que a “ordem de sucessão” necessária das classes no poder, determinada economicamente, venha sempre impor limites às conclusões “permanentistas” que poderia tirar da constatação dos objetivos políticos efetivos da burguesia. Neste sentido, a *Mensagem do Comitê Central à Liga dos Comunistas e Balanço e Perspectivas* são textos muito próximos e também muito diferentes: muito próximos porque, quanto ao método, o segundo não é mais que o prolongamento do primeiro, do qual extrai conclusões extremas impostas pelo novo período histórico, atualizando as possibilidades de uma ação revolucionária independente da classe operária no começo do século 20; muito diferentes, também, na medida em estão determinados por horizontes políticos diferentes. Ainda que num e noutro texto encontra-se a mesma exaltação revolucionária do proletariado, na perspectiva de Marx continua existindo um obstáculo entre o proletariado e a revolução (inclusive se a etapa democrático-burguesa – naquele momento está convencido disso – possa ser particularmente abreviada). **Nisto, a *Mensagem...* estaria muito mais próxima “estruturalmente” dos escritos de Lenin entre 1905 e 1907, que preveem um transcurso rápido da revolução burguesa em revolução proletária na Rússia, mas nos quais a etapa democrática continua sendo destacada, do que a *Balanço e Perspectivas*, que se situa de imediato no terreno da atualidade da revolução proletária**

**Comentado [ng6]:** Brossat vê a revolução de 1905 como proletária. Erro de análise, pois todo mundo, incluindo Trotsky entendia como uma revolução democrático-burguesa. A diferença começava a partir da correlação entre as classes na revolução e suas relações recíprocas.

Por isso, inclusive numa época em que Marx hipervaloriza consideravelmente as possibilidades revolucionárias do proletariado alemão, não se pode dizer que existe nele um ponto de vista da revolução permanente totalmente desenvolvido. O que revela a ótica da *Mensagem...* é muito mais a etapa intermediária de transcurso, na medida em que a ideia das etapas da revolução não podem ser totalmente suprimidas. **Ainda mais, na medida em que o conceito político prático da revolução não existe e que, sem ele, a teoria da revolução permanente não pode desenvolver-se plenamente.** No entanto, a *Mensagem...* constitui o ponto culminante dos desenvolvimentos permanentistas de Marx e Engels; vai mais longe, inclusive, num texto como *Revolução e Contrarrevolução na Alemanha*, que utiliza de maneira insistente o conceito de desenvolvimento desigual e combinado, porque trata-se de um texto de orientação estratégica, ou seja, que extrai todas as conclusões políticas práticas da análise teórica da revolução burguesa na Alemanha e não de uma descrição, como o segundo. **A ideia da revolução permanente continua sendo, portanto, um conceito difuso de seu arsenal.** *Mais precisamente, em Marx e Engels o tema*

<sup>14</sup> Boris Nicolaievski e OttoMaechen-Helfen. La vie de Karl Marx, N.R.F, 1970, p. 196. (Ed. Em espanhol: La vida de Carlos Marx, Editorial Ayso, 1973, p. 211-232.).

<sup>15</sup> *Ibid.*

político da revolução permanente se cruza com o tema da revolução total, universal, ligada à autoemancipação da classe operária como classe universal, em especial nos escritos da juventude.

Ao contrário de Trotsky, Marx e Engels não podem desenvolver plenamente uma teoria da revolução permanente para compreender a revolução que lhes era contemporânea sob a perspectiva do descobrimento da estruturação mundial do campo político de sua época, com suas linhas mestras e suas falhas, suas desigualdades e elos fracos. Não podem ter uma visão global do campo da revolução mundial (a única que permite uma estratégia revolucionária permanente) baseada num modo de inteligibilidade dialética e não mecânica, “nacional”, do curso da revolução e descobrir, a partir dela, o(s) epicentro(s) dessa revolução. A possibilidade de realizar esta análise totalizadora e sintética pressupõe que o mundo esteja unificado sob a égide de uma era da revolução, seja burguesa, seja proletária. Este foi o caso do período durante o qual Trotsky elaborou os elementos decisivos da teoria da revolução permanente, mas não do espaço político no qual atuaram Marx e Engels, que é, por natureza, um “intervalo bastardo”. Não puderam construir uma estratégia da revolução mundial porque, em sua época, não existia um epicentro duradouro, e o campo da revolução se reestruturava sem cessar em função das vicissitudes da revolução burguesa declinante e da revolução proletária recente. **O campo político não se achava, então, suficientemente unificado para possibilitar um paradoxo como a revolução russa, ou seja, para subordinar completamente as condições econômicas particulares, nacionais, às condições sociopolíticas gerais, mundiais.**

**Comentado [ng7]:** Brossat não estudou a evolução do pensamento de Marx em relação a Irlanda e sua conexão com a revolução na Inglaterra.

**Tudo aquilo que Marx e Engels puderam fazer – e certamente o fizeram com uma grande perspicácia – consistiu em registrar os deslocamentos dos pontos candentes da revolução: França em 1848, Alemanha durante os anos 1860-70, depois a Rússia para Marx, ao final de sua vida, sem poder deduzir disto uma estratégia unificada da revolução mundial. O fato de que Marx e Engels não tenham chegado ao ponto de vista da totalidade da história mundial, premissa fundamental da teoria da revolução permanente para Trotsky, não significa que não analisaram as interações das diferentes lutas nacionais de sua época no marco de uma concepção bastante elaborada do desenvolvimento desigual e combinado. “Ainda que os operários alemães não possam alcançar o poder nem ver realizados seus interesses de classe sem ter passado integralmente um prolongado desenvolvimento revolucionário, podem pelo menos ter segurança de que, desta vez, o primeiro ato do drama revolucionário que se avizinha coincidirá com o triunfo de sua própria classe na França, o que contribuirá para acelerá-lo consideravelmente”, pode-se ler na Mensagem...<sup>16</sup>. Ou também: “Na França, onde a burguesia como tal, como classe, não pode dominar mais que dois anos sob a república, 1849 e 1850, só conseguiu prolongar sua existência social cedendo sua dominação política a Luís Bonaparte e ao exército. Dado o extraordinário desenvolvimento alcançado pelas influências recíprocas dos três países mais avançados da Europa, é já completamente impossível que a burguesia possa instalar-se comodamente no poder na Alemanha quando na Inglaterra e na França esse poder já caducou. A particularidade que distingue a burguesia de todas as demais classes dominantes que a precederam consiste precisamente em que em seu desenvolvimento existe um ponto de inflexão, depois do qual todo aumento de seus meios de poder, e portanto de seu capitais, em primeiro lugar, tão somente contribui para torná-la cada vez mais incapaz para a dominação política (...). E, ao chegar a um determinado momento, que não é o mesmo em todas as partes, tampouco é obrigatório para uma determinada fase do desenvolvimento, a burguesia começa a se dar conta de que seu inseparável acompanhante, o proletariado,**

**Comentado [ng8]:** Essa premissa fundamental da teoria da revolução permanente (a questão da revolução mundial como centro) não é de 1905 cujo eixo para Trotsky foi o de que o proletariado num país atrasado podia tomar o poder antes de um país adiantado, portanto o transcrescimento da revolução democrática em socialista. Só em 1928, depois da Primeira Guerra, do “imperialismo” de Lenin e a vitória da revolução russa e sua dependência da revolução europeia é que Trotsky “arredondou” a teoria da revolução permanente, tornando-a completa em seus três aspectos (combinação de revolução democrática em socialista, transcrescimento interno da revolução a partir do seu próprio eixo, e a revolução nacional como prologo da revolução mundial).

<sup>16</sup> Costes, 1939, p. 249. (Ed. em espanhol, p. 102.).

começa a ultrapassá-la. A partir deste momento, perde a capacidade de exercer a dominação política exclusiva e busca ao seu redor aliados com os quais compartilhar sua dominação, ou aos quais, segundo as circunstâncias, a ceda por completo”.<sup>17</sup> A época de Marx e Engels viu o fim das revoluções nacionais isoladas, mas unicamente a transformação do modo de produção capitalista em imperialista colocará na ordem do dia a revolução proletária. Eles tiveram de converterem-se, de certo modo, nos estrategistas da revolução burguesa declinante de sua época.

Era, portanto, impossível para Marx e Engels não raciocinar em termos de etapas, já que, globalmente, a fase de dominação capitalista não havia chegado ao final das suas possibilidades. Aqui está a diferença entre sua posição, naquele momento válida, e as concepções mencheviques que a copiaram mecanicamente quando a época já havia passado. Esta necessidade de converterem-se em pensadores da revolução burguesa que se acabava, para acelerar seu declínio e permitir ao proletariado entrar na luta por sua própria conta os coloca frente a uma contradição insuperável: **obriga a eles, teóricos comunistas proletários, a pensar em termos da revolução burguesa e, especialmente, em termos de povos e não de classes.** Assim, Marx escreve, em *Crítica da Filosofia do Direito em Hegel*: “Compartilhamos as restaurações dos povos modernos, sem ter tomado parte em suas revoluções. Passamos por uma restauração, em primeiro lugar, porque outros povos se atreveram a fazer uma revolução e, em segundo lugar, porque outros povos sofreram uma contrarrevolução”. Ou também, no mesmo texto: “Mas a Alemanha não escalou simultaneamente como os povos modernos as fases intermediárias da emancipação política. Não chegou sequer, praticamente, às fases que teoricamente superou. Como poderia, com um salto mortal, superar não só seus próprios limites, mas, ao mesmo tempo, os limites dos povos modernos?”.<sup>18</sup> E Marx se torna o cantor da guerra nacional revolucionária da Alemanha “unificada” contra a Rússia e expressa opiniões eslavóforas. (o sublinhado é nosso)

Naturalmente, esta vontade de terminar com o czarismo, gendarme da Europa, está totalmente inspirada pela consciência dos interesses em longo prazo do proletariado mundial, mas é incompatível com as **categorias da revolução permanente, que demonstra que a revolução burguesa já havia caducado, e pensa exclusivamente em termos de classes à escala mundial.** Marx e Engels chegaram digamos “demasiado cedo” e, devido ao estado inconcluso da “mundialização” das forças produtivas, caíram num dilema insolúvel, como se diz em *A Guerra Camponesa*: “Nada pior pode ocorrer ao chefe de um partido extremista que ser obrigado a tomar o poder numa época em que o movimento não está ainda maduro para a classe que representa e para a execução das medidas que a dominação dessa classe exige. (...) O que pode fazer está em contradição com toda a sua atitude anterior, os princípios e o interesse imediato de seu partido; o que deve fazer não poderia colocar-se em prática. Em uma palavra, está obrigado a representar não o seu partido e a sua classe, mas a classe para cuja dominação o movimento se encontra precisamente maduro”.<sup>19</sup> A grandeza de Trotsky consistirá justamente em perceber que este círculo inexorável havia sido rompido pelo proletariado russo e que 1905 abria uma nova época que era preciso apreender no marco de uma nova teoria. (Este corte na época é precisamente o que recordam, durante a Primeira Guerra

**Comentado [ng9]:** Brossat comete um erro de unilateralidade. Como quer provar que Marx vivia num tempo de “revoluções nacionais isoladas” em contraposição a Trotsky, erra feio pois nem a época das revoluções burguesas foram “nacionais e isoladas”, todas foram conectadas umas com as outras com epicentro na Europa (que chegou a América do Norte e do Sul e Haiti). Depois, pelo desenvolvimento do imperialismo e a corrupção do proletariado metropolitano dos países imperialistas, o centro de gravidade da revolução passou para os países coloniais e semicoloniais.

**Comentado [ng10]:** Continua erro de Brossat e vai se agravando porque agora ele diz que Marx raciocina a partir de “povos” e não de “classes”.

**Comentado [ng11]:** Aqui conclui o erro grave de Brossat. Já não existe mais povos, fronteiras, revolução nacional, tudo se resume a “revolução mundial”. Esta é uma visão “bukharinista” da teoria da revolução permanente.

<sup>17</sup> Costes, *La Guerre des Paysans*, 1936, p. 172-173. (Ed. em espanhol: La guerra campesina en Alemania in Obras Escogidas de Carlos Marx e F. Engels, Editorial Progreso, Moscou, Tomo I, p. 622.).

<sup>18</sup> *Ibid.*, p. 30-36. (Ed. em espanhol, p. 4-11.).

<sup>19</sup> *Ibid.* 307-308.

Mundial, os internacionalistas contra os social-chauvinistas alemães, que se apoiam em certas posições de Marx no princípio da guerra de 1870, fingindo ignorar esta descontinuidade).

Marx e Engels só puderam colocar as premissas mais gerais da teoria da revolução proletária. No princípio da guerra franco-prussiana de 1870, Marx só pode enfocar as hostilidades do ponto de vista do término da revolução burguesa na Alemanha. Como indica Nicolaievsky, “Marx considerava que a vitória de Napoleão seria nefasta, e isso por duas razões: consolidaria o regime bonapartista na França por muitos anos e retardaria ainda mais o desenvolvimento da Europa central ao interromper o curso da unificação alemã”.<sup>20</sup> Para a Alemanha, tratava-se, pois, aos olhos de Marx, de uma guerra defensiva, objetivamente progressiva. A Comuna [de Paris] instaurou uma ruptura no período, abrindo a era da revolução proletária, mesmo que como uma possibilidade ainda não real.<sup>21</sup> Depois da vitória, o poder caiu nos braços da classe operária por si mesmo, sem que ninguém o disputasse. E, uma vez mais, voltava a colocar-se claramente quão impossível era também naquele momento, vinte anos depois da época em que se relata em nossa obra, este poder da classe operária.<sup>21</sup> A nova fase se abria com uma derrota e, a partir dessa época, os elementos de revolução permanente que se encontram em Marx e Engels giram ao redor da experiência revolucionária de 1848, mais que a dos anos 1870. Engels teorizou o giro que se seguiu à Comuna não num sentido de permanência, mas às vezes resvalando no reformismo ou, pelo menos, divulgando todo tipo de ilusões sobre as virtudes da cédula eleitoral, nova arma absoluta do proletariado. “Hoje podemos contar já com dois milhões e um quarto de eleitores. Se este avanço continua, antes de terminar o século teremos conquistado a maior parte das camadas intermediárias da sociedade, tanto os pequeno-burgueses como os pequenos camponeses, e nos teremos convertido na potência decisiva do país, frente à qual terão de inclinar-se, queiram ou não, todas as demais potências”.<sup>22</sup>

Para Marx e Engels, o estabelecimento das premissas da revolução proletária, baseada na observação e participação nos inícios do movimento operário, se cruza permanentemente com o discurso teórico geral da análise do modo de produção capitalista, que é, no fundo, um discurso econômico. Pois bem, como vimos no princípio deste capítulo, a teoria da revolução permanente significa o fim da absorção do nível político no econômico e sua constituição como polo dialeticamente ligado a este último. Chegando o caso, poder-se-iam encontrar numerosas perspectivas para esclarecer os limites da teoria da revolução permanente em Marx e Engels. Um dos ensinamentos negativos mais importantes do estudo do jovem Trotsky é que a teoria da revolução permanente, para ser levada ao seu mais alto grau de desenvolvimento e eficácia política, deve ser transmitida à prática política não somente por mediação do gênio político de um pensador revolucionário isolado, mas pela mediação de uma organização proletária. Na teoria como na prática, a revolução permanente, na completa acepção do conceito, é inseparável do partido. No entanto, Marx e Engels foram incapazes de construir, de maneira estável, partidos nacionais duradouros ou o partido mundial da revolução proletária. Os limites da experiência em Marx, enquanto homem de partido, são os

**Comentado [ng12]:** Ok conclusão, mas parte de premissas falsas.

**Comentado [ng13]:** Desse ponto de vista, 1905 também foi “não real”, foi uma antecipação, as classes ainda não estavam totalmente prontas, a burguesia já caducava e o proletariado engatinhava.

**Comentado [ng14]:** Absurdo, pois passa visão dos reformistas que falsificaram durante décadas este prefácio de Engels para mostra-lo como um reformista e eleitoralista, que aprovava a tática parlamentar-sindical e a ida ao socialismo de forma pacífica, via parlamentar.

**Comentado [ng15]:** Continua prostituindo a Marx, vendendo como “economicista”, visão de Marx determinista... Isso é identificação de Marx com Bernstein, Kautsky, Mencheviques e depois Stalin.

**Comentado [ng16]:** Aqui resume a visão unilateral da teoria da revolução permanente, assim ela seria “política” e “mundial” desvinculada das bases materiais de revoluções nacionais específicas. Uma visão bukharinista e acadêmica da teoria da revolução permanente.

20 Op. cit., p. 346. (Ed. em espanhol, p. 369).

21 21 ENGELS, F. Introdução a Lutas de Classes eu France, op. cit., pag. 37 (Ed. em espanhol: *Las Luchas de clases en Francia* in *Obras Escolhidas de Marx e Engels*, Editorial Progresso, Moscou, Tomo I, p. 112.). 23

22 *Ibid.*, p. 49. (Ed. em espanhol, p. 120.).

mesmos de sua visão de “permanência” da revolução: adaptam-se às discontinuidades do curso entrecortado da revolução e da contrarrevolução na segunda metade do século 19.

A coexistência em Marx e Engels da teoria da revolução por etapas e das intuições de permanência e as fissuras que disto se derivam no seu discurso político global, como a eslavofobia<sup>23</sup>, fazem com que duas tradições, dois tipos de reflexão política diferentes tenham podido extrair-se de sua produção teórica. De um lado, a teoria da revolução por etapas, que repete conscientemente a ideia de que uma formação social não desaparece no marco nacional antes de haver esgotado todas as suas potencialidades e que, por conseguinte, ninguém poderia saltar as etapas impostas pelo desenvolvimento econômico, por outro, a teoria da revolução permanente que, fundamentalmente, produz o modo de inteligibilidade da esfera política na era da revolução proletária, que herda dos temas esboçados por Marx e Engels no período de efervescência revolucionária. Este segundo tipo de “fidelidade” aos ensinamentos de Marx, que repudia o mecanicismo, permitiu a Lenin e Trotsky descobrirem a ideia essencial de que o conteúdo econômico-social de uma revolução não coincide necessariamente com as forças motrizes que “legitimamente” a colocarão em marcha. Quanto à primeira escola, a que transplanta ao pé da letra o modelo teórico marxista a totalidades econômico-sociais isoladas, encontrou em Plekhanov um de seus mestres, ainda que, a princípio, sua obstinação por demonstrar que a Rússia não poderia queimar a etapa capitalista se assente em premissas teóricas justas. O erro de Plekhanov e seus discípulos foi deduzir da impossibilidade de saltar a etapa capitalista a necessidade de uma revolução burguesa formal e de manter-se nela até assumir o papel dessa burguesia revolucionária ausente e, portanto, afundar-se no fatalismo econômico.

Esta escola de pensamento “mecanicista” deu origem a uma tradição tenaz e pouco gloriosa, apesar da revolução russa, que, no entanto, a reduzia a nada, até converter-se no marco de reflexão privilegiado de teóricos e profissionais da contrarrevolução no movimento operário internacional. Consequentemente, não é preciso dizer que a verdadeira escola do pensamento marxista é a que prossegue a teoria da revolução permanente e a adapta às condições radicalmente novas da época, especialmente à impossibilidade absoluta de toda revolução burguesa radical, inclusive nos países onde subsistem resquícios feudais, devido à mundialização das forças produtivas capitalistas. A maneira mecanicista de conceber o curso da revolução pode facilmente evocar mil fórmulas de Marx e Engels que mostram que é criminoso saltar as etapas: nem por isso deixa de estar caduca (e está desde 1905) e não é mais do que a repetição abstrata e dogmática de um esquema “atemporal”. É parte dos inúmeros cadáveres históricos e teóricos que, por uma ironia muito amarga da história, ainda continuam dificultando eficazmente o caminho da revolução proletária.

**Comentado [ng17]:** Isso é uma falsificação superficial de Marx e Engels. A teoria da revolução por etapas de Stalin seria de Marx.

**Comentado [ng18]:** Marx e Engels já tinha claro isto e é a principal lição das revoluções de 1848: quem fez a revolução foi a classe operaria, portanto já viam em 1848 que as forças motrizes de uma revolução não correspondem necessariamente ao seu conteúdo social.

**Comentado [ng19]:** Debita o erro do menchevismo a Marx, que nunca fez um esquema histórico determinista, inclusive Marx e Engels avaliavam que a revolução podia começar na Rússia ou na Irlanda e também não necessariamente a Rússia passaria pelo capitalismo, podia saltar da comuna rural para o socialismo....

**Comentado [ng20]:** Aqui conclui o erro bucharinista da revolução permanente. Esta não é a visão de Trotsky onde a mundialização do capital suprime as especificidades nacionais e que a revolução é exclusivamente proletária e mundial.

<sup>23</sup> Não afirmava Marx em 1855: “Não desejo que a ‘velha Europa’ seja regenerada pelo sangue russo?”. Mas inclusive este “ponto negro” da perspectiva de Marx necessita de uma interpretação correta. Esta aparente aversão de Marx e Engels pelos eslavos provoca, certas vezes, o deboche de marxólogos americanos como B. P. Hepner, que veem nisso a prova de um racismo vergonhoso. Na realidade, observamos que, atrás das fórmulas excessivas de Marx, manifesta-se um ponto de vista atrofiado da revolução e não um preconceito racial. O erro de Marx está determinado pela estreiteza de seu campo de percepção geográfica da história e da revolução. Para ele, os países eslavos estão marcados com um sinal negativo: são a fortaleza da reação na Europa e o obstáculo mais importante para a unificação e a revolução democrática alemã. O erro de Marx não faz mais que mostrar, uma vez mais, o insuficiente desenvolvimento da internacionalização das forças produtivas e, por conseguinte, a impossibilidade para ele e para Engels de pensar em termos da revolução permanente. E preciso assinalar, para desmentir a Hepner, que Marx chegou a pensar, ao final de sua vida, que a revolução poderia muito bem começar na Rússia.

Esta situación engendra necesariamente defectos, una tendencia a exponer grandes ideas desligadas de una visión militante de las cosas, a cultivar la disputa por la disputa: todos los defectos que se manifestarán en la actitud de Trotsky durante el II Congreso.

(...)

Por último hasta su incorporación al bolchevismo, Trotsky no ha conocido nunca una verdadera práctica de organización....

(...)

[OK]

Por eso, si Marx no pudo elaborar, antes que Lenin, la teoría del partido que se deriva de las premisas generales sentadas por él, y cuyo esbozo se entrevé en su obra y su política, ello no se debe a su antileninismo por anticipado, sino al hecho de que sólo *en el período de la actualidad de la revolución puede desarrollarse plenamente, al igual que la teoría de la revolución permanente, la teoría del partido proletario*. Al no poder esperar la edificación a escala nacional o internacional de uno o varios partidos

(...)

Trotsky combatirá todo eso con extremada energía. Sobre la base de la experiencia de los movimientos obreros y estudiantiles contra el zarismo en los años 1902-1903 rechaza la relación vanguardia-masas que Lenin pretende instaurar. Para él, como para Rosa Luxemburgo, la vanguardia es, en primer lugar, la emanación del movimiento espontáneo de las masas, y el proyecto de construir un partido que, en un momento cualquiera de su evolución, esté separado del movimiento real de las masas responde a una mentalidad absurda y burocrática.

(...)

Rosa escribe en **Marxismo contra dictadura**, «*no pueden existir departamentos estancos entre el núcleo proletario consciente, sólidamente encuadrado en el partido, y las capas envolventes del proletariado, ya adiestradas en la lucha de clases, y entre las que aumenta, cada día más, la conciencia de clase*»

(...)

Uno y otra, al concebir la conciencia de clase del proletariado como un producto mecánico de su situación en el modo de producción, cometieron un error que Lenin supo evitar.

(...)

Al igual que Kautsky y que la mayoría de los marxistas 'ortodoxos' de la II Internacional, Rosa y Trotsky creían, antes de 1914, que el hundimiento del capitalismo era inevitable, y la victoria del proletariado irresistible. Ese 'fatalismo optimista', esa fe ingenua en las 'leyes de Bronce de la historia', constituyen el fundamento teórico de sus concepciones semiespontaneístas de la organización.

(...)

... el espíritu de Trotsky resulta típica mente luxemburguista: la huelga general desembocará ineluctablemente en la insurrección....

(...)

[1905]

En un primer momento, tuvieron dudas en cuanto a la posibilidad de esa clase de dirigir su revolución, y, por el contrario, una absoluta confianza en el dinamismo, constatado de *visu*, del proletariado como fuerza motriz de la futura revolución.

(...)

Trotsky tendrá que formular de nuevo y completamente sus concepciones, y la segunda versión de la teoría de la revolución permanente ya no sólo será una versión depurada, sino que representará un punto de vista superior. Trotsky, no solamente liquida en ella sus defectos anteriores, sino que accede a una visión *militante* de la revolución mundial.

Páginas 33, 45, 47, 51, 55, 70, 71

(...)

Vemos desarrollarse el proceso<sup>1</sup> complejo, incierto y contradictorio de una ruptura o de un cambio de terreno y desprenderse ya lo que será el carácter especial de la primera versión de la teoría de la revolución permanente, su carácter semi-espontaneísta.

(...)

*“Las tesis de Helphand de que el capitalismo se había convertido en un sistema mundial, y que la madurez revolucionaria de la sociedad burguesa sólo debía medirse con el rasero del mercado mundial, considerado como una totalidad, y que por ello la lucha de las clases socialistas sobrepasaba desde entonces las categorías de los Estados nacionales aislados, se convirtieron en esa época en un axioma básico de su argumentación política”.*

(...)

Como escribe Parvus en **Guerre et Revolution**, *“la revolución rusa sacude los cimientos políticos del mundo capitalista, y el proletariado ruso puede asumir el papel de vanguardia de la revolución social”.*

(...)

De este análisis, en el que se utiliza el concepto de la totalidad del modo de producción capitalista y el de su desarrollo desigual y combinado, se pretende que en Rusia existe una burguesía capitalista concentrada y reducida, pero no toda esa burguesía y pequeña burguesía intermedia de intelectuales, profesores, médicos, etc., que en Europa occidental constituyeron la savia de la democracia burguesa revolucionaria.

(...)

....recaerá igualmente sobre la clase obrera rusa la tarea de *guiar* al proletariado occidental...

(...)

Se hace hincapié, tanto en uno como en el otro, en la debilidad estructural de la burguesía rusa, el estado incompleto del desarrollo precapitalista y la modernidad del capitalismo implantado “desde el exterior”.

(...)

....desacuerdo de principio que surgiera entre ellos sobre la cuestión de la revolución permanente. En primer lugar, Parvus entiende las facultades revolucionarias del campesinado de forma extremadamente despreciativa. Para él el campesino representa la encarnación del asiaticismo, del retraso de la sociedad rusa, de la conciencia inculta, obtusa y alienada. El campesino es tan menospreciado como el obrero valorizado en cuanto revolucionario potencial. La apreciación de Trotsky no es tan peyorativa. Durante la revolución de 1905 se dirige al campesinado o al soldado, campesino en uniforme, con la esperanza de incorporarlos a la revolución. Ve al aliado del proletariado en el campesinado pobre, antes que en la burguesía liberal, aproximándose a Lenin, mientras que en este aspecto Parvus se encontraría mucho más cerca de Plejánov.

En segundo lugar, Parvus insiste en el hecho de que la revolución futura será burguesa, incluso si la clase obrera la encabeza... [ESSA ERA A OPINIÃO DE TODOS E NÃO APENAS DE PARVUS]

(...)

Es cierto que en **Avant le 9 janvier** Trotski reafirma que la revolución será burguesa.

(...)

En Parvus, Trotski encontró el sustrato económico de la teoría de la revolución permanente, es decir — como hemos visto—, el análisis de la contradicción entre la mundialización de las fuerzas productivas y los Estados nacionales, el análisis de la formación social rusa, de sus anomalías y de sus particularidades desde el punto de vista del desarrollo desigual y combinado, y quizá, sobre todo, una *metodología* que estudia todo fenómeno social, económico, político e ideológico en función de la *totalidad* del modo de producción capitalista.

(...)

[NÃO SE ENCONTRAVA MADURA PARA O SOCIALISMO, É DIFERENTE]

Por eso se comprende en qué medida las escasas críticas que Lenin hizo a Trotski sobre esta cuestión antes de 1917 resultaban vanas, porque giraban en torno a la idea de que, *desde el punto de vista nacional*, Rusia no se encontraba madura para la revolución socialista.

(...)

antes de 1905 Lenin consideraba [la huelga general], al igual que los jefes de la socialdemocracia alemana, como una «frase anarquista», la adopta a partir del otoño de 1904.

(...)

afinidad más entre Trotski y Rosa Luxemburgo, para quien el concepto de huelga general posee una importancia decisiva, como muestran sus polémicas con Vandervelde a propósito de las huelgas belgas...

(...)

El proletariado, que dirige el, combate y es su fuerza motriz...

(...)

[PARVUS QUE LANÇOU A CONSIGNA “ABAIXO O TZAR, GOVERNO OPERARIO”]

El gobierno revolucionario provisional “será un gobierno de *democracia obrera*.”

(...)

[EM 1905, LENIN ESTAVA CERTO SOBRE A IMPOSSIBILIDADE DE UM GOVERNO SOCIALDEMOCRATA PURO]

Parvus, prefacio de **Avant le 9 janvier**, op. cit. Vemos aquí la diferencia con el punto de vista de Lenin, el cual no concebía un gobierno que no fuera una democracia revolucionaria en la que la pequeña burguesía estaría bien representada, o sería incluso mayoritaria, y consideraba irrealizable e izquierdista la idea de un gobierno socialdemócrata...

(...)

[SUPOSTO CONSERVADORISMO DO PARTIDO BOLCHEVIQUE, SEGUNDO BROSSAT]

... al encontrarse liberados de todo conservadurismo de aparato...

(...)

[TITULO DO SUBCAPITULO JÁ MOSTRA QUE BROSSAT TEM UMA VISÃO EQUIVOCADA DA TEORIA DA REVOLUÇÃO PERMANENTE, ONDE NÃO VÊ A COMBINAÇÃO DE DUAS REVOLUÇÕES A DEMOCRÁTICA E A SOCIALISTA]

HACIA LA REVOLUCIÓN PROLETARIA

(...)

[ESSE PENSAMENTO ABAIXO É DE LENIN, NÃO DE PARVUS]

...piensan en la paradoja de una revolución cuya fuerza motriz no estuviera directamente adaptada al contenido social.

[BROSSAT APRESENTA VISÃO FALSA DE LÊNIN 'ETAPISTA'. AQUI ESTÁ A ORIGEM DO USO DA NOSSA CORRENTE DESSA VISÃO DE LENIN ETAPISTA. FALSA PORQUE DIZ QUE LENIN PREFERE O DESENCOLCIMENTO DE UMA ETAPA CAPITALISTA 'NORTE-AMERICANA', QUANDO NA VERDADE LENIN NÃO DIZ ISSO QUANDO SE REFERE A QUESTÃO DO CAMPO QUE PREFERIA UMA SOLUÇÃO DE REFORMA AGRÁRIA RADICAL COMO FOI NOS ESTADOS UNIDOS E NÃO A SAÍDA PRUSSIANA, QUE FOI O RESGATRE DE TERRAS]

Y, en efecto, lo que Parvus preveía era la constitución en Rusia de una «democracia obrera» «a la australiana», cuya tarea consistiría no en forjar la vía directa al socialismo sino en permitir al capitalismo desarrollarse en una estructura política adecuada, y a los socialistas reforzar sus posiciones en un contexto favorable, como aspiraban a hacerlo en Alemania. También en ese plano se halla menos lejos de Lenin de lo que se podría imaginar: basta examinar la perspectiva anunciada por éste después de 1905 de la aparición y el crecimiento de un capitalismo «a la americana», opuesto al de un capitalismo «a la prusiana» en Rusia.

Como muy bien dice Scharlau, «Parvus quería cambiar la locomotora de la historia, no sus raíles». En este sentido continúa siendo, paradójicamente, un marxista clásico, o más exactamente se queda a mitad del camino de la supresión de los tópicos caducos del marxismo «a lo Plejánov». y una vez más a la manera de Lenin. Al subrayar la paradoja de una revolución cuyas fuerzas motrices no coinciden con el contenido social, entra forzosamente en una temática que trastocará el determinismo mecanicista, economicista, cuyos defensores más consecuentes son los mencheviques. [MENCHEVIQUEUS MAIS CONSERQUETES QUE LENIN, SEGUNDO BROSSAT] Posee los conceptos y el material histórico para comprender la aparente aberración que constituye la posibilidad de una revolución proletaria [ESSA VISÃO É DO BROSSAT, NÃO DO TROTSKY] en una Rusia atrasada, debido a la madurez de las condiciones objetivas a escala mundial, pero se detiene en el umbral de su descubrimiento, demasiado marcado, sin duda, por las huellas de su pertenencia a la escuela del pensamiento ortodoxo de la social-democracia alemana. Por ello Trotski se verá inducido a franquear sólo el umbral de la nueva concepción del marxismo....

(...)

[ISSO MESMO, DIFERENÇA COM BROSSAT]

Como más tarde escribió en *La revolución permanente*, no había “*negado nunca el carácter burgués de la revolución en cuanto a sus tareas inmediatas, [sino] solamente en lo referente a sus fuerzas motrices y a sus perspectivas.*”

(...)

Con ello Trotski no impugna el determinismo marxista, que afirma que el horizonte social y político mundial está determinado por el desarrollo de las fuerzas productivas mundiales, sino el determinismo

economicista, mecanicista, analítico, que, al razonar en un marco estrictamente nacional, deduce de la situación de las fuerzas productivas y del desarrollo orgánico de las clases sociales la forma de la revolución.

(...)

Cuando habla de un “gobierno obrero” no designa la dominación inmediata e irreversiblemente asentada del proletariado en Rusia.

(...)

**[NÃO É ESTA A DIFERENÇA ENTRE TROTSKY E LENIN. VEJA RELATO DE TROTSKY EM 'A REVOLUÇÃO PERMANENTE'.]**

para Lenin es muy probable que la clase obrera (la socialdemocracia) deba participar en un gobierno democrático revolucionario, aliada con la pequeña burguesía democrática, y Trotski no duda de que el proletariado tenga que compartir el poder, especialmente con el campesinado, pero se opone, porque Lenin piensa que la hipótesis de que el proletariado tendría la mayoría en el seno del gobierno tiene pocas posibilidades de verificarse, mientras que para Trotsky es ineluctable.

**[FALSA VISÃO DE LENIN QUE “ABRE PERIODO DE DEMOCRACIA BURGUESA”]**

Por lo tanto, según Lenin, el establecimiento de semejante gobierno abre un periodo de “democracia burguesa”, de desarrollo del capitalismo ruso, mientras que para Trotsky la formación de un gobierno revolucionario con mayoría proletaria obliga a entrar en la vía de la supresión del orden capitalista.

(...)

Trotski no elaboró en 1905, como parecen creer algunos de sus críticos, la versión definitiva de la teoría de la revolución permanente.

(...)

**[VISÃO DE LENIN TOTALMENTE ORIGINAL, DIFERENTE DE TODO MARXISMO DE SUA ÉPOCA PORQUE COLOCA FORÇA MOTRIZ NO PROLETARIADO E CAMPESINATO. LENIN NÃO TINHA UMA VISÃO DE DESENVOLVIMENTO NACIONAL, O STALINISMO É QUE DEU ESSE CONTEUDO A LENIN DEPOIS DE SUA MORTE]**

Las vías de desarrollo del capitalismo en Rusia serán, por consiguiente, completamente originales, lo que Lenin no percibe o lo hace de manera muy relativa. Al atenerse a la génesis del modo de producción capitalista tal y como Marx la expone en **El Capital**, Lenin enuncia para Rusia una teoría del desarrollo *orgánico y nacional* del capitalismo...

(...)

**[¿????]**

“No hay rastro en nuestro país de esa sólida pequeña burguesía que había pasado por la escuela secular de la administración autónoma y de la lucha política y que luego, sumando sus fuerzas a las de un joven proletariado no definitivamente constituido, tomó al asalto las fortalezas del feudalismo. ¿Por quién fue reemplazada? Por una nueva clase media, por los profesionales de la inteligencia: abogados, periodistas, médicos, ingenieros, profesores, maestros de escuela”. Trotsky en **1905**.

(...)

**[A VISÃO DE TROTSKY SOBRE O CAMPESINATO ERA A TRADICIONAL DE MARX]**

Por último, el análisis que realiza Trotski del campesinado se apoya en dos factores; por una parte, es explotado y aplastado a la vez por el zarismo y la burguesía rusa, y representa, por consiguiente, una colosal fuerza revolucionaria; por otra, se encuentra sujeto por tales relaciones sociales, que su horizonte permanece forzosamente limitado: «El cretinismo local es una maldición que gravita sobre todas las revoluciones campesinas.

#### [ERRO TEORICO DA REVOLUÇÃO PERMANENTE]

Políticamente, no puede determinarse a sí mismo; debe ser guiado por la clase obrera o por la burguesía, entre las que oscila en función de sus intereses políticos del momento. Como escribe Trotski en **Resultados y perspectivas**, resulta imposible que el campesinado se desembarace del proletariado y ocupe su lugar, porque *“la experiencia histórica muestra que es incapaz de desempeñar un papel político independiente”*, tema principal de su oposición a Lenin hasta 1914.

(...)

#### [ESTA QUESTÃO NÃO ESTAVA POSTA EM 1905]

debe plantearse mundialmente la cuestión del poder...

(...)

#### [PARA TROTSKY, 1905 NÃO FOI UMA REVOLUÇÃO PROLETARIA]

...si la Comuna de París es la última de las revoluciones «ambiguas», a la vez social y “nacional”, 1905 es la primera de las revoluciones proletarias.

(...)

#### [ISSO NÃO EXISTE!!!! FÁBULA STALINISTA. TROTSKY NAO TINHA ESTE PESO QUE LHE DÁ BROSSAT]

Después de 1905, en la socialdemocracia rusa se empieza a hablar del «trotskismo», aludiendo al cuerpo de análisis condensado en la teoría de la revolución permanente, que se presenta como uno de los tres esquemas del curso de la revolución rusa. Tanto por su acción como por sus tesis, la socialdemocracia occidental reconoce de los principales protagonistas del POSDR. Accede a una dimensión internacional.

(...)

#### [FORMULA DOS POLACOS, E NÃO DE TROTSKY, E FOI APROVADA NO CONGRESSO DO PARTIDO COM APOIO DO LENIN, MOSTRA QUE LENIN TINHA UMA VISÃO MUITO PROXIMA DA TEORIA DA RP]

«dictadura revolucionaria del proletariado apoyada en el campesinado».

(...)

Trotski opone, implícitamente, ese funcionamiento al régimen asfixiante del partido, al inagotable y estéril juego de la lógica fraccionista. Por lo demás, de manera general, valora al soviét en relación con el partido. Su existencia encaja mucho mejor en el marco de las concepciones teóricas desarrolladas en **Nos Taches politiques** que la de un partido intelectual raquítrico y relativamente separado de las masas

(....)

#### [TODA VISÃO DO LENIN ESTÁ FALSIFICADA POR BROSSAT]

A la inversa de Trotski, para quien el soviét constituye una brillante materialización de sus concepciones políticas, Lenin considera este fenómeno como una especie de anomalía teórica. Por eso sólo puede

comprenderlo de manera no sectaria después de haber corregido sus tesis restrictivas acerca de la espontaneidad de las masas.

(...)

[¿???

...el bolchevismo estaba impregnado de un cierto formalismo y de un cierto esquematismo, impuestos ambos por la lucha contra el economicismo y el menchevismo, y que podía parecer más preocupado por la coherencia abstracta y «burocrática» que por la política viva. B. Wolfe recuerda que Lenin, dedicado a la construcción de su aparato y a la lucha de fracción, no evoca más que tres veces en sus artículos la cuestión ruso-japonesa antes del desencadenamiento de la revolución en Rusia.

[¿??DIFERENÇA]

Resulta indudable que ése estado de ánimo “hiperorganizativo” convertido en “dogmático” por la lucha política, no colocaba a los bolcheviques en buena posición para estudiar esa especie de desafío a sus postulados que constituyeron las condiciones del desencadenamiento de la revolución. Pero el bolchevismo no era, en modo alguno, un dogmatismo petrificado. En el transcurso de la revolución, Lenin supo corregir sus fórmulas....

(...)

[FALSO!!!]

Trotsky no valora suficientemente ni esa flexibilidad y esa profundización del bolchevismo en 1905, ni la modificación de la concepción leninista de las líneas generales de la revolución rusa. Esta no era, antes de 1905, sensiblemente diferente de la de los mencheviques.

[SUPERVALORIZA A TROTSKY]

Solamente en vísperas de la revolución aparecen divergencias en cuanto a la táctica frente a los liberales (las posiciones bolcheviques se acercan a las de Trotsky sobre ese extremo). Sin embargo, a través de la crisis revolucionaria, la perspectiva bolchevique evoluciona hasta tal punto que podemos decir que tras la revolución ocupa una posición intermedia entre la concepción menchevique y la de Trotsky.

[DE FATO, ESTA É A POSIÇÃO DE LENIN ABAIXO, MAS NÃO SE PAROXIMA DE TROTSKY JÁ QUE ESTE NÃO JOGAVA PAPEL ALGUM NOS DEBATES]

En varios aspectos, el modo de pensar leninista llega a aproximarse al de Trotsky: al constatar el fracaso del liberalismo ruso, Lenin concluye que el proletariado, respaldado por la democracia revolucionaria – es decir, en primer lugar, por el campesinado revolucionario y la pequeña burguesía urbana – será el motor de la revolución. Con ello, sus fuerzas motrices no corresponden a su contenido social. [ESSA TESE ACIMA É DE LENIN]

(...)

[OK]

El lugar de aliado del proletariado en la lucha contra el zarismo que hasta entonces atribuía ante todo a la burguesía liberal, Lenin se lo concede en lo sucesivo primeramente al campesinado revolucionario.

[FALSO!! AQUÍ ESTÁ A ORIGEM DO “ETAPISMO” DE LENIN QUE NOSSA CORRENTE USA]

Lenin tiene que flexibilizar su esquema “etapista” de la revolución. Ciertamente, el horizonte revolucionario que se desprende sigue siendo para él indiscutiblemente burgués, pero el transcrescimiento de esa revolución en revolución proletaria podría producirse más pronto, y en formas más agitadas, de lo previsto.

(...)

**[ERRADO DAR ESTE PROTAGONISMO A TROTSKY. DIFERENÇA COM BROSSAT, AQUI SE CONCENTRA AS DIFERENÇAS COM BROSSAT]**

Por consiguiente, Lenin da indiscutiblemente más de un paso fuera de la esfera de la concepción plejanoviana en dirección a Trotsky. Sin embargo, al igual que Parvus, continúa en definitiva encerrado en la metodología tradicional: la revolución que se anuncia sólo puede ser burguesa, porque el proletariado ruso es todavía minoritario, el campesinado tiene en Rusia un peso aplastante, etc. **Por eso zigzagueará entre el plejanovismo y el trotskismo de 1905 a 1917.**

(...)

**[FALSO, ERA UMA DAS “TRÊS BALEIAS”]**

Todos los mencheviques coinciden en juzgar aventurista y antimarxista no solamente la introducción por Trotski y Parvus de la consigna proletaria de las «ocho horas», sino de una manera general toda veleidad de pretender incitar al proletariado a paliar la debilidad revolucionaria de la burguesía..

(...)

**[OK, ESTA É A APRESENTAÇÃO CORRETA DE TROTSKY]**

Esta contradicción revela la desigualdad del desarrollo del pensamiento de Trotski en esa época, que se traduce en una hipertrofia de la dimensión teórica, que contrasta con una debilidad política, entendida como capacidad para la acción y los juicios tácticos, como aptitud para «transformar las ideas en fuerzas materiales», para manejar lo concreto, para comportarse en la acción en cuanto comunista, es decir, en cuanto hombre de partido.

Página 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 96, 97, 99, 103, 105, 108, 109, 110, 111.

(...)

**[AQUI É A PROVA QUE LENIN NÃO ERA ETAPISTA, MAS BORSSAT DIZ QUE ELE “EVOLUIU” SEU PENSAMENTO E SE “APROXIMOU DE TROTSKY”]**

Además, todos los autores que han estudiado el leninismo han observado hasta qué punto, en base a la experiencia de 1905, las posiciones de Lenin habían perdido algo de rigidez y de su dogmatismo de tipo “plejanoviano” para orientarse, impulsadas por los acontecimientos, hacia una reflexión sobre las modalidades del «transcrescimiento” de la revolución burguesa en revolución proletaria. Todo el mundo conoce la célebre cita que reproduce Liebman en un artículo de **Les temps modernes** de abril de 1970 titulado **Lenin en 1905**: “Una vez realizada la revolución democrática, entraremos inmediatamente, en la medida posible de nuestras fuerzas, de las fuerzas del proletariado consciente y organizado, en la vía de la revolución socialista. Somos partidarios de la revolución ininterrumpida. No nos detendremos en el camino”. ¿Cómo juzgar esta evolución del pensamiento de Lenin?

(...)

Dicho esto, a pesar de la indiscutible modificación, resultaría totalmente falso pretender que Lenin adopta en 1905 las categorías de la revolución permanente. En el plano de los principios y de su estructura, la teoría de transcurso continúa siendo cualitativamente diferente de las tesis de Trotski.

(...)

[SACANAGEM DE BROSSAT]

oposición revolución permanente X revolución ininterrumpida por etapas...

(...)

[CLARO, O CARATER DA REVOLUÇÃO ERA DEMOCRATICO BURGUES E NÃO PROLETARIO]

...el objetivo de la revolución sigue siendo el democrático y no, en modo alguno, el socialista. Y no dejará de pensar nunca, hasta 1917, que deben distinguirse las dos etapas. [FALSO!]

Confundirlas, como hace Trotski, cuando pretende que es el proletariado como tal quien realizará las tareas democráticas que la burguesía es incapaz de asumir, estableciendo su propio poder de clase, para Lenin continuará siendo en mayor o menor grado anarquismo. Por ejemplo, en 1909 escribirá: *“El error fundamental de Trotski consiste en que deja de lado el carácter burgués de la revolución, en que no tiene una idea clara del paso de esta revolución a la revolución socialista.”* Frente a los mencheviques Lenin afirma que la revolución burguesa tomará la forma de una dictadura democrática revolucionaria del proletariado y del campesinado, y no de una democracia burguesa clásica.

[TÁ CERTO LENIN, FORMULA POLACA VOTADA NO CONGRESSO DE UNIFICAÇÃO]

¡Frente a Trotski resalta que su formulación no resulta ambigua, con este pretende, y que en el fondo oponerle una dictadura del proletariado apoyado en el campesinado supone jugar con las palabras, puesto que era evidente, en el curso del proceso revolucionario, que el proletariado arrastraría tras de sí al campesinado! Este debate muestra dos cosas: por una parte, toma en gran medida el aspecto de una oposición de principios y de método, de una confrontación entre dos modos de ver la revolución valiéndose igualmente del marxismo, mientras

[ISSO AQUI É A CONCLUSÃO ESSENCIAL QUE TROTSKY HISTORIA MUITO TEMPO DEPOIS NO LIVRO “A REVOLUÇÃO PERMANENTE” DE 1928.]

Lenin y Trotski, estimulados por los acontecimientos, concuerdan sobre lo esencial en lo referente a las conclusiones estratégicas: el proletariado debe avanzar sin reparar en obstáculos, sostenido por sus aliados naturales de la pequeña burguesía sin preocuparse por decepcionar a los liberales. Aunque sigue manteniendo la necesidad de una etapa democrática... [TODOS, INCLUINDO TROTSKY, VIAM UMA ETAPA DEMOCRÁTICA POIS ERA UMA REVOLUÇÃO BURGUESA. MAS LENIN NÃO ANTEPUNHA UMA REVOLUÇÃO A OUTRA, AO CONTRARIO, NÃO PARAVA NA ESTAÇÃO DEMOCRATICA, COMO FEZ O STALINISMO.]

(...)

[AQUI É ONDE SE DEMONSTROU QUE A CRÍTICA PRINCIPAL DE TROTSKY A LENIN SE REVELOU FALSA PORQUE SE FORMARAM PARTIDOS CAMPONESES – INCLUINDO SR E TRUDOVICHES – E DEPOIS DA SEGUNDA GUERRA QUE CHEGARAM A TOMAR O PODER COMO CASTRO, MAO, ETC.]

A Lenin le impidieron llegar a las conclusiones de Trotski no solamente sus principios, sino también las ilusiones que conservaba sobre las capacidades del campesinado para organizarse como partido. Por ello Trotski mantuvo su formulación del tipo de poder que llegaría con la evolución frente a la de Lenin, que no mostraba claramente quien tendría la hegemonía en el nuevo gobierno: si el proletariado o el campesinado.

[AFIRMAÇÃO FALSA! PORQUE LENIN DEFENDIA A HEGEMONIA DO PROLETARIADO, MAS SE RECUSAVA DIZER DE ANTEMÃO QUEM SERIA MAIORIA NO GOVERNO E QUE O CAMPONÊS NÃO CUMPRIA UM PAPEL REVOLUCIONÁRIO]

Ta teoría de la revolución permanente permitirá a Trotski evitar las vacilaciones de Lenin durante todo ese periodo acerca de la naturaleza exacta de la etapa democrática y su duración.... [ONDE SE EXPRESSARAM AS "VACILAÇÕES DE LENIN"?]

(...)

[BURDA FALSIFICAÇÃO DE BROSSAT, VEJA ASPAS, PORQUE NÃO CITA LENIN DIZENDO O QUE ESTÁ ENTRE ASPAS?. ESSA "SEGUNDA ETAPA", NÃO É FRASE DE LENIN E SIM VERSÃO DE STALIN.]

Únicamente tal republica podría adelantar la llegada de la "segunda etapa" de la revolución, al favorecer el desarrollo de un capitalismo "progresista", "a la americana".

(...)

[AQUÍ SE MOSTRA AS VACILAÇÕES DE TROTSKY E NÃO DE LENIN. AQUI A PROVA QUE TROTSKY NÃO ERA CENTRISTA APENAS NA QUESTÃO PARTIDARIA]

La cuestión más espinosa que se plantea a los socialdemócratas a propósito de las elecciones a la segunda Duma es, evidentemente, la de su actitud respecto de los liberales. Mientras que los mencheviques preconizan un apoyo masivo a los cadetes, ilusoriamente engalanados con las plumas de un jacobinismo ruso, para que en la Cámara la oposición al zarismo resulte lo más fuerte y homogénea posible, Lenin se opone violentamente a esa política: todo apoyo concebido a los representantes políticos de la burguesía capitalista reaccionaria constituye una capitulación. A esos proyectos opone la necesidad de constituir para esas elecciones un frente de clase de la democracia revolucionaria: socialdemócratas, *trudoviki*, etc. Su oposición al liberalismo se concreta así sin equívoco frente a la mayor parte de su fracción, por cierto, favorable al boicot. ¿Y Trotski? La táctica que preconiza resulta mucho menos nítida. Indudablemente, no admite las ideas mencheviques sobre la constitución de un frente electoral con los liberales que comprenda a reacción. Sin embargo, según él, si puede y se debe apoyar a los liberales en cierta medida, en cuanto "representantes del pueblo", como el partido (cadete) que lucha por "la tierra y la libertad", y sobre todo siempre que haya que escoger entre un cadete y un reaccionario.

(...)

[USAR ESTA CITAÇÃO DE TROTSKY: CONCLUSÃO FINAL: ENTÃO, CADÊ A CONSEQUENCIA DA TEORIA DA RP?]

No obstante, *en la práctica*, la táctica que preconiza sólo puede expresarse en un *menchevismo un tanto circunspecto*. Lo que retiene el proletariado no es la sutil maniobra que consiste en apretar la cuerda en torno al cuello del liberalismo fingiendo sostenerle, sino el apoyo otorgado a los liberales. Por eso, esa táctica incierta se encuentre, por su metodología, mucho más cerca del menchevismo que del bolchevismo.

(...)

Trotsky permanece prisionero de la metodología menchevique...

(...)

[usar esta citação de Trotsky que mostra seu centrismo nas táticas políticas]

"¿He dicho acaso a mis lectores qué la democracia burguesa constituye una fuerza hostil a la libertad? ¿Acaso llamo a las masas a dar la espalda a la democracia burguesa? ¡De ninguna manera! En mi crítica digo que la democracia burguesa, si quiere apoyarse en grandes masas, debe desarrollar un programa

democrático y una táctica revolucionaria consecuente y critico la aspiración de la democracia a convertir el zemstvo liberal de los terratenientes en el eje de la oposición.”

(...)

[AQUÍ APARECE VISÃO DE BROSSAT COMO INTERPRETE DA RP COMO FAZIA BUKHARIN: RP É A REVOLUÇÃO SOCIALISTA E PONTO.]

Veamos cómo se desarrolla esta regresión: al acentuar —como indica la cita anterior— el tema de la realización de las tareas democráticas por el proletariado, Trotski llega en ocasiones a insistir mucho más en el hecho de que son esas tareas democráticas lo más urgente que en el hecho fundamental de que solamente el proletariado es capaz de realizarlas. La ambigüedad y la doble naturaleza del proceso revolucionario que intenta describir favorece en este caso su y relativa retirada hacia posiciones más prudentes. [BROSSAT NÃO COMPREENDE TEORIA DA RP]

(...)

[????]

Ello se debe a que, en su primera versión, la teoría de la revolución permanente descansa sobre una visión demasiado lineal, esquemática, luxemburguista del curso de la revolución, percibiendo como un flujo siempre creciente, y no en su complejidad, sus curvas y sus zigzags.

Páginas 124, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 133, 134, 135

(...)

[CARICATURA DO BLCHEVISMO: BONS NO TERRENO DA ORGANIZAÇÃO]

Aparentemente, los bolcheviques se encuentran casi tan mal afianzados como los mencheviques en el plano teórico, para reflexionar sobre el curso de la revolución en Rusia. Sin embargo, mientras que su debilidad se corrige automáticamente con la intransigencia de su política en el plano organizativo, la debilidad teórica de los liquidadores se multiplica y resulta funesta a causa de su posición sobre el partido. Hasta después del 17 Trotski no reconoció esta verdad, y no se convenció de ella. En la carta a Olminski, anteriormente citada, escribe: “Sólo el bolchevismo, gracias a la rigidez de sus principios, puede atraer a todos los elementos verdaderamente revolucionarios de los intelectuales y a la fracción avanzada de la clase obrera. Y únicamente porque consiguió crear esa organización revolucionaria compacta le resultó posible pasar rápidamente de la posición democrática a la posición socialista revolucionaria».

[CARICATURA E FALSIFICAÇÃO]

(...)

[PAPEL DE TROTSKY ANTES DE 1917, SEGUNDO LENIN]

*“Trotski sólo representa sus propias vacilaciones personales y nada más. Fue menchevique en 1903; se apartó del menchevismo en 1904; volvió junto a los mencheviques en 1905, haciendo gala de una fraseología ultrarrevolucionaria; en 1906, lo abandonó nuevamente; a finales de 1906, defendió los acuerdos electorales con los cadetes (es decir, que de nuevo se encontraba en realidad con los mencheviques). En el Congreso de Londres, en la primavera de 1907, declaró que su divergencia con Rosa Luxemburgo era “más una diferencia de matices personales que de tendencia política”. Trotski plagia hoy el bagaje ideológico de una fracción, mañana de otra, y como consecuencia se proclama por encima de la dos”.*

(...)

**[PAPEL DE CONCILIADORES QUANDO LUTA DE FRAÇÕES REVELA LUTA DE CLASSES NO INTERIO DO PARTIDO]**

*“La fraseología conciliadora ha sido magníficamente comprendida por los liquidadores y los otzovistas, y han sabido utilizarla magníficamente contra el partido. El héroe de esa fraseología —Trotsky— se ha convertido de manera muy natural en el héroe y fiel abogado de los liquidadores y de los otzovistas, con los cuales no está de acuerdo en nada en teoría, pero con los cuales está de acuerdo en todo en la práctica.”*

(...)

**[BROSSAT TOMA LENIN POR PELOTUDO]**

Tal es la paradoja completamente asombrosa que constituye la primitiva relación del leninismo con la socialdemocracia alemana: al pensar de buena fe transferir a la situación rusa los principios que inspiran la existencia de toda organización revolucionaria, y especialmente la de los camaradas alemanes. Lenin abre el camino a una política cuyo triunfo significará la irremediable decadencia de aquella en que se apoyaba «ingenuamente». Tal es el caso, en particular, del tema del centralismo, del que Lenin cree encontrar una aplicación especialmente rigurosa en el PSD. **[FALSO!]**

(...)

Trotsky permanece «a los pies de Kautsky», lo cual le permite, por otra parte, expresarse en los periódicos alemanes en una época en la que los textos de Lenin, que se ha enfrentado en varias ocasiones al «maestro» no gozan de ese privilegio.

(...)

...centrista... Por haber desempeñado objetivamente un papel de guardia de los flancos desde el lado radical, por no haber logrado romper esa óptica alienada del centrismo, Trotsky dará todavía, durante la guerra, un peligroso rodeo antes de llegar al bolchevismo. Incapaz de analizar el carácter de corriente que se desarrolla durante la guerra en torno a Kautsky y Haase, y de comprender que, incluso en ese período, quieren intentar soldar de nuevo los trozos dispersos de la vieja Internacional —tarea de lo más reaccionario— cree discernir en los tímidos esfuerzos del centro izquierda el indicio de la radicalización de las masas. En esos años sombríos, las masas se encuentran todavía aplastadas, en su inmensa mayoría, bajo el manto de plomo del chovinismo, y los marxistas revolucionarios deben reanudar paso a paso el contacto con ellas. Para Trotsky, ello exige transacciones, acuerdos, incluso una práctica «antichovinista» común con los Kautsky, Ledebur... Por esa razón, durante la guerra, seguirá siendo denunciado por Lenin como kautskista.

(...)

**[CONCLUSÃO DE BROSSAT]**

Por eso, en lo que concierne a la percepción de la dimensión internacional de la revolución, observamos que la limitación un tanto mecanicista de la visión leninista de la revolución está corregida por una práctica de partido auténticamente revolucionaria, mientras que la profundidad internacionalista de Trotsky se encuentra edulcorada por su semi-espontaneísmo y su posición de francotirador.

(...)

Páginas 149, 154, 155, 164, 165, 169, 176, 181,

#### [CONTINUA LADAINHA DE BROSSAT ANTI-LENIN]

Pero Trotski es fuerte dónde Lenin es débil, o al menos relativamente débil: sus categorías teóricas le permitirán aprehender sin sorpresa el carácter de la futura revolución rusa. Mientras que Lenin continúa afirmando entre 1914 y 1917, que *“la tarea del proletariado ruso es la de terminar en Rusia la revolución democrática burguesa con el fin de producir la revolución social en Europa.”*

#### [ESSA NÃO ERA A POSIÇÃO DE TROTSKY. A REVOLUÇÃO ATÉ FEVEIREIRO DE 1917 ERA DEMOCRÁTICO BURGUESA PROVA DISZO É QUE A TAREFA QUE TROTSKY PROPÕE É CHAMAR A CONSTITUINTE PARA “DEPURAÇÃO DEMOCRÁTICA”]

Trotski proclama en voz alta que fie esta guerra saldrá **una revolución proletaria**. No tendrá que efectuar una revisión, del tipo de las tesis de Abril para decir, como Lenin en marzo de 1917, que *«un conflicto abierto entre las fuerzas de la revolución al frente de las cuales se yergue el proletariado de las ciudades, y la burguesía liberal antirrevolucionaria, que provisionalmente ha tomado el poder, es absolutamente inevitable... Sólo un gobierno obrero revolucionario poseerá la voluntad y la capacidad, desde el momento de la preparación de la Asamblea constituyente, para proceder a una depuración democrática radical en el país...»* En ese marco llevó a cabo una política mucho más consecuente y revolucionaria que Trotski, de cuyas vacilaciones.

(...)

#### [CADA COISA A SEU TEMPO, MARXISMO NÃO É PREMONIÇÃO]

El análisis leninista del imperialismo, entendido [como una polémica contra el reformismo de la socialdemocracia alemana, le llevará a las puertas de la teoría de la revolución permanente.

(...)

#### [OK, CORRETO]

Desde esta perspectiva resulta interesante examinar su postura sobre la cuestión nacional, tan controvertida en aquella época. En su modo de razonar, el punto de vista de Trotski se acerca mucho al de Rosa Luxemburgo.

(...)

#### [A VISÃO DE “TRANSCRECIAMENTO” DA REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA EM SOCIALISTA É A VISÃO DE LENIN E É UMA EVIDENTE APROXIMAÇÃO COM A POSIÇÃO DE TROTSKY, DESDE 1905]

Frente a las posturas de Trotski y de Rosa Luxemburgo, los análisis de Lenin sobre la cuestión nacional parecen una obra maestra de precisión, de táctica concreta. Sin embargo, luego de reflexionar, observamos que la postura de Lenin está determinada por su ótica de la revolución por etapas, o más exactamente de la revolución democrático-burguesa en revolución proletaria.

(...)

#### [AFIRMAÇÃO EQUIVOCADA DE TROTSKY SOBRE A QUESTÃO NACIONAL]

*“El Estado nacional está superado, en cuanto marco para el desarrollo de las fuerzas productivas, en tanto que base para la lucha de clases, y, por consiguiente en tanto que forma estatal de la dictadura proletaria.”*

(...)

#### [NÃO BROSSAT, É UMA ETAPA DA REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA. BROSSAT TEM UMA VISÃO SECTARIA DA RP E NÃO PARTE DO PRIMEIRO ASPECTO DA TEORIA: TRANSCRECIAMENTO DE RD EM RP]

El derecho de las naciones a la autodeterminación no es más que una etapa de la revolución proletaria, no se sitúa en la perspectiva global de una suma de «liberaciones nacionales», sino en la de la revolución socialista, que es la única que resolverá el problema al suprimir la base objetiva de ese tipo de conflictos.

(...)

**[SE É ININTERRUPTA NÃO É POR ETAPAS, COMO CONTRAPOSTAS]**

Pero sobre todo, tras esa divergencia, se esboza la oposición entre revolución permanente y revolución por etapas ininterrumpida.

(...)

**[BROSSAT ENTENDE TEORIA DA RP COMO REVOLUÇÃO PROLETARIA E PONTO FINAL]**

Mientras que Trotski estima que la revolución —incluso si no estalla simultáneamente en todas partes, debido a la desigualdad del desarrollo de las diferentes naciones— será proletaria en todas partes, a causa de la combinación de ese desarrollo a escala internacional.

(...)

**[PRIMEIRA PARTE DA FRASE CORRETA, SEGUNDA PARTE É FALSIFICAÇÃO DE LENIN]**

Lenin piensa todavía que en los países atrasados la revolución democrática burguesa continua siendo la tarea urgente para acabar el desarrollo capitalista de estos países.

(...)

**[SUPOSIÇÃO DE BROSSAT, NA VERDADEA POSIÇÃO DOS DOIS ERA MUITO PROXIMA, AINDA QUE TINHA DIVERGENCIA: PESO DO CAMPESINATO NA REVOLUÇÃO]**

Esas divergencias políticas o teóricas generales parecen relativamente poco importantes si consideramos que la guerra estimularía la marcha implícita de Lenin hacia la teoría de la revolución permanente, gracias a su análisis del imperialismo, que le llevó a comprender que el proceso de transcurso de la etapa democrática en revolución proletaria podría acelerarse mucho.

(...)

**[TROTSKY ERA CENTRISTA]**

...política más confusa, vacilante entre Kautsky y Lenin...

(...)

La oposición de izquierda reagrupada en torno a Rosa Luxemburgo no llegó a estructurarse como embrión de partido: su significado fue siempre más simbólico que militante, y sus temas de movilización y de propaganda no se desprendieron nunca de un semi-pacifismo, de un semi-kautskismo.

(...)

**[POSIÇÃO CENTRISTA NA GUERRA DE TROTSKY]**

Según Trotski, se trata ante todo de reunir las fuerzas que o están completamente contaminadas por el social-patriotismo y de esforzarse por conjurar cuanto antes los efectos del desastre. Para ello, hay que elaborar una plataforma, consignas suficientemente amplias para permitir una reagrupación lo más extensa posible, dejar de lado los exclusivismos, soldar de nuevo las filas de los internacionalistas sin sectarismo, superando las divergencias de ayer y las que subsisten todavía. “Cese inmediato de la guerra”, tal es la

consigna mediante la cual la socialdemocracia puede soldar de nuevo sus filas dispersas, tanto en el interior de los partidos como en la internacional en su conjunto. En este tipo de reagrupación, vemos fácilmente que Trotski está dispuesto a admitir a todos los que, por poco que fuera, hubieran guardado las distancias con respecto al chovinismo militante, con la esperanza, naturalmente, de hacerlos progresar en un sentido radical: Kautsky v Haase en primer lugar....

(....)

Esa es la razón de su actitud en Zimmerwald. donde a propósito se le invita a redactar un manifiesto cuya función principal estriba en conciliar las posiciones inconciliables de la izquierda leninista y de Ledebour.

(...)

La concepción de Lenin sobre la nueva Internacional se inspira en los mismos principios que los que presidieron la organización del partido bolchevique.

(...)

#### [A REVOLUÇÃO DE FEVEREIRO FOI O QUE, REVOLUÇÃO SOCIALISTA?]

En esta expresión ambigua de «segunda fase», «segunda revolución», se concentra entonces la contradicción que Lenin trata de resolver entre la realidad revolucionaria (y las tareas que se derivan) y su «prejuicio» acerca de la revolución rusa...

(...)

#### [EQUIVOCADO BROSSAT, POSIÇÃO DE LENIN SOBRE SOVIETES VEM DE 1905]

Desde ese momento de manera aparentemente muy incoherente....

(...)

Totalmente coincidente con el espíritu de la concepción expuesta por Trotski desde 1905, Lenin describe la revolución en curso como *“un entrelazamiento extremadamente original, nuevo, sin precedentes, de la revolución burguesa y de la revolución proletaria.”*

#### [LENIN SEMPRE VIU ASSIM]

Lenin siempre consideró (y después de 1914 con una agudeza mayor) la futura revolución rusa — democrática— como un eslabón de la futura revolución europea, e incluso como su detonador.

[ISSO ADVEM DA VISÃO DO LENIN DO TRANSCRESCIMENTO DA VER DEMOCRATICA EM SOCIALISTA, EXPRESSO NO PESO DAS REIVINDICAÇÕES DEMOCRATICAS ESTRUTURAIAS COMO TERRA. COISA QUE N]AO ENTENDE BROSSAT]

(...)

#### [FALSO! A FORMULAÇÃO DA SEGUNDA VERSÃO DA RP É TANTO DE TROTSKY QUANTO DE LENIN]

Lenin no logró nunca llegar a una visión tan espontáneamente dialéctica y totalizadora de la revolución mundial como Trotski.

(...)

#### [CONCLUSÃO DE BROSSAT SOBRE POSIÇÃO DE LENIN]

Sin embargo, hay que reconocer que Lenin no se liberó nunca totalmente del esquema «etapista» del transcrecimiento.

[ESSE É O ERRO DE AVALIAÇÃO CENTRAL DE BROSSAT, LENIN ENTENDE A REVOLUÇÃO PROLETARIA SURTINDO DA RDB, IGUAL A TROTSKY E DIFERENTE DA INTERPRETAÇÃO DE BUKHARIN, QUE VÊ UMA REVOLUÇÃO SOCIALISTA EM CURSO. A DIFERENÇA COM O STALINISMO É QUE ELE VAI OPOR REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA E REVOLUÇÃO SOCIALISTA EM DUAS ETAPAS ESTANQUES, SEPARADAS HISTORICAMENTE. ISSO É STALINISMO E NÃO LENINISMO.]

(...)

[A PROVA QUE A FÓRMULA DE LENIN FOI APLICADA EM OUTUBRO ESTÁ ABAIXO]

Desde marzo, ambos oponentes de manera absolutamente explícita la perspectiva alternativa del gobierno de los soviets, **órgano del poder obrero-campesino...**

(...)

[TERMO EQUIVOCADO (FUSÃO), LEVA A ERRO TEÓRICO PORQUE REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA SE SUBORDINA A REVOLUÇÃO SOCIALISTA]

Tal es el aspecto concreto que toma, en el curso del mes de marzo, la fusión de las dos etapas «democrática» y «proletaria» de la revolución ascendente.

(...)

Páginas 185, 187, 191, 192, 194, 195, 199, 200, 202, 211, 212, 213, 222, 224, 225,

[PRINCIPAL CONCLUSÃO: ESSA AQUISIÇÃO TEÓRICA MAIS IMPORTANTE DO MARXISMO NO SÉCULO XX – A SEGUNDA VERSÃO DA TEORIA DA RP – É DE TROTSKY E DE LENIN]

En el plano teórico, la adhesión a ese nuevo estadio se traduce por la terminación del “sistema de concepción” de la revolución como fenómeno mundial.

(...)

Página 233,